



Salati em 2016, em depoimento para vídeo sobre o cinquentenário do Cena-USP, do qual foi diretor

OBITUÁRIO

O PAI DOS RIOS VOADORES

Agrônomo e climatologista, Enéas Salati mostrou a capacidade da floresta de reciclar e exportar chuva

Danilo Albergaria

Personagem inovador e agregador nos estudos sobre hidrologia e climatologia, Enéas Salati era capaz de atrair e formar profissionais competentes e foi fundamental para a consolidação da área no país. O pesquisador, que sofria do mal de Alzheimer, morreu em 5 de fevereiro aos 88 anos, em Piracicaba, no interior de São Paulo. Deixa viúva e quatro filhos, além de netos, bisnetos e tataranetos.

Engenheiro-agrônomo graduado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq-USP), em Piracicaba, Salati foi pesquisador do Centro de Energia Nuclear na Agricultura (Cena), vinculado à mesma instituição. Análises de isótopos, como oxigênio-18 e deutério, permitiram-lhe traçar a origem de boa parte da precipitação chuvosa da Amazônia.

No final da década de 1970, Salati foi o primeiro a quantificar a reciclagem de precipitação, um mecanismo de retroalimentação da umidade na floresta amazônica: parte das chuvas que alimentam a floresta vem do subsolo da floresta, captada pelas raízes das árvores. O climatologista José Marengo, coordenador de Pesquisa e Desenvolvimento do Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), explica: “Por meio de processos de evaporação e transpiração das plantas, a floresta solta umidade na atmosfera, que acaba por cair em forma de chuva; estudos sugerem que entre 25% e 75% da chuva que cai na floresta é gerada por ela própria”.

No começo dos anos 2000, Marengo trabalhou com Salati em pesquisas sobre os “rios voadores”, expressão metafórica para o vasto volume de umidade atmos-

férica que sai da floresta, encontra a cordilheira dos Andes e migra em direção ao centro-sul do continente sul-americano. “Usando isótopos como traçadores, uma ideia ao mesmo tempo simples e complexa de Salati, podemos estudar a quantidade de chuva em determinada região que foi originada na Amazônia”, afirma.

Reynaldo Victoria, orientado por Salati no mestrado e que também foi professor e pesquisador do Cena-USP, afirma que o método de rastreamento de isótopos proposto por Salati mostra que a umidade amazônica, transportada pelos rios voadores, é importante para a geração de precipitação chuvosa nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul do Brasil, e até na Argentina.

Victoria avalia que o trabalho do pesquisador foi fundamental para apontar caminhos para uma agropecuária que não exija desmatamento e funcione de forma sustentável em harmonia com a floresta. Conhecer a maneira pela qual a Amazônia influencia o clima em escala continental permite entender como a principal atividade econômica do país pode sofrer com alterações drásticas nos padrões de chuvas, uma das prováveis consequências do desmatamento.

O climatologista Carlos Nobre, pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP, esclarece que as pesquisas de Salati mudaram o entendimento da relação entre vegetação e clima. “Ele foi pioneiro em mostrar a floresta como um fator climático importantíssimo para sua própria manutenção. Assim, a Amazônia não é mera resposta ao clima, mas modifica o clima e cria condições próprias para sua permanência”, explica. Mas o desmatamento ameaça essa permanência, alerta Nobre.

Marengo descreve Salati como um pesquisador que sabia não somente sobre clima da Amazônia, reciclagem de umidade e rios voadores, mas também podia trabalhar com extremos climáticos, potencial de energia eólica e créditos de carbono, com uma visão completa do ambiente. “Era ao mesmo tempo intenso no trabalho e uma pessoa tranquila e simples.” ■

O site traz uma versão maior desta reportagem.